

JAMES FENIMORE COOPER E A CONQUISTA DO OESTE NOS ESTADOS UNIDOS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Mary A. Junqueira¹

Resumo. O meu objetivo é analisar o romance de James Fenimore Cooper **The Pioneers**. Escolhi esse texto por ser ele revelador das contradições e conflitos da sociedade norte-americana entre 1800 e 1850. Embora o mito norte-americano evidencie que os Estados Unidos foram construídos por homens simples e pequenos proprietários, Cooper revela a perspectiva conservadora que unia parte da elite do país.

Palavras chave: Estados Unidos; conquista do oeste; mito; literatura.

JAMES FENIMORE COOPER AND THE CONQUEST OF THE WEST OF THE UNITED STATES IN THE FIRST HALF OF THE XIX CENTURY

Abstract. My objective is to analyse the James Fenimore Cooper's novel **The Pioneers**. I have chosen this text because it reveals the contradiction and conflict evidence of the American Society between 1800 and 1850. In spite of the American myth to lay stress on the United States society was built by self made men and small propriety, Cooper shows the gentleman's conservative perspective.

Key words: United States; westward expansion; myth; literatura.

O meu interesse em analisar os romances de James Fenimore Cooper surgiu a partir da minha pesquisa de doutorado, no decorrer da qual tive contato com o mito da fronteira ou a versão romanceada da conquista territorial norte-americana (Junqueira, 2000). A lenda do Oeste é uma versão da História profundamente enraizada na cultura norte-americana e presente até os dias de hoje. É possível constatar a forte presença do mito na produção de Hollywood, que o explora com os inúmeros filmes de *farwest* e a ação do homem da fronteira. Os norte-americanos construíram um épico, no qual o homem simples sai do Leste

¹ Professora doutora de História da América. USP – Universidade de São Paulo.

à procura de novas oportunidades no Oeste. Nesse caminho, mapeia territórios desconhecidos, domina a natureza, levando o progresso de Leste a Oeste, construindo a nação.

Os mitos podem ser entendidos como representações de uma determinada realidade. São construções culturais que evocam a memória e a nostalgia e reavivam crenças, além de oferecer modelos de conduta aos homens do presente. Os mitos são também importantes para o funcionamento da sociedade que os criou, pois transmitem códigos culturais e a visão de mundo de determinada sociedade (Slotkin, 1994: 16). No caso aqui tratado, a lenda do Oeste pode ser entendida como uma construção cultural complexa: não é fácil localizar as suas origens e detectar o momento que ganhou o corpo que conhecemos hoje.

Os historiadores norte-americanos, em geral, afirmam que, embora se possam encontrar indícios do mito no período colonial, a lenda do Oeste foi estruturada no século XIX, com a literatura. Nesse processo de construção cultural, destaca-se o nome de James Fenimore Cooper, considerado o primeiro autor a estabelecer as bases da linguagem de símbolos e a forma narrativa que constituíam as bases do mito que seria (re)escrito constantemente até os dias de hoje (Smith, 1978: 59-70). Segundo os especialistas no tema da fronteira, a série conhecida como *Leatherstocking Tales* (Contos dos Desbravadores), escrita por James Fenimore Cooper, foi central para a construção do mito do Oeste no século XIX, embora inúmeros outros autores tenham tratado do Oeste como lugar de aventura e ação.

Cooper teria conseguido uma proeza para época: tornar-se popular e respeitado como escritor (Slotkin, 1994: 83). A conhecida série é composta por cinco romances: *The pioneers* (**Os Pioneiros**), de 1823; *The last of the mohicans* (O último dos moicanos), de 1826; *The prairie* (A pradaria), de 1827; *The pathfinder* (O desbravador), de 1840 e *The deerslayer* (O caçador de veados), de 1841.

A série *Leatherstocking Tales* não foi concebida como uma série. Embora já tivesse escrito outros romances, *The pioneers* é o primeiro romance de Cooper ambientado no Oeste e que alcança uma vendagem expressiva. Isso estimulou o autor e, certamente, a editora a produzir romances sobre a vida na fronteira, explorando exatamente a conquista territorial norte-americana.

O processo de anexação dos territórios nos Estados Unidos foi extremamente rápido e violento. Entre 1787 e 1848, os norte-americanos deixaram a costa do Atlântico e chegaram à costa do Pacífico. Em 1823, data em que foi publicado o romance **Os Pioneiros**, já haviam alargado

os seus domínios dos Apalaches ao Mississippi (período da independência) e comprado o imenso território da Louisiana da França (1803), multiplicando algumas vezes a antiga área colonial. Assim, Cooper escrevia no momento de uma vertiginosa conquista, durante a qual se estava não só justificando tal empresa, mas também se discutindo juridicamente a questão da propriedade privada no país (White, 1991: p 119-154).

Nos cinco romances da série, o *leatherstocking* é uma das personagens centrais. O *leatherstocking* era um dos primeiros homens que saía do Leste e se dirigia ao Oeste. Era o que primeiro explorava o território. Normalmente era um caçador de peles que vendia o resultado da empreitada para sobreviver. Vestia-se com pele de couro de animais e alimentava-se basicamente da caça. Aí estaria a origem da palavra: *leatherstocking* refere-se ao homem que estoca peles - um dos atores da conquista - o primeiro a reconhecer o terreno e a travar contato com os índios desconhecidos da região. Acredito, assim, que a expressão *Leatherstocking Tales* possa ser traduzida como Contos dos Desbravadores.

Meu objetivo aqui é procurar entender o primeiro livro da série, de título **Os Pioneiros**, a fim de tentar analisar um dos primeiros romances a estabelecer as estruturas do mito do Oeste norte-americano e a criar a personagem do *leatherstocking*. **Os Pioneiros** e toda a série foram lidos durante todo o século XIX, encantando gerações e gerações de norte-americanos e permanecendo ainda hoje como uma referência para o público juvenil. Embora os cinco volumes dos *Leatherstocking Tales* tenham alcançado grande sucesso, o título que recebeu e recebe a maior resposta do público é *O último dos moicanos*, que já ganhou versões em Hollywood e tornou-se série de televisão (Barker e Sabin, 1995).

JAMES FENIMORE COOPER E A CONQUISTA TERRITORIAL

Filho de dono de terras no Estado de Nova York e profundamente influenciado pelo romantismo europeu, James Fenimore Cooper é considerado o primeiro escritor norte-americano a viver exclusivamente da profissão. Nasceu em 1789, em Burlington, New Jersey, e morreu em 1851. Durante a vida, acompanhou e opinou ativamente sobre as mudanças de vida no país. É possível perceber através dos romances de Cooper a atmosfera cultural do período, na qual trata das transformações políticas e da conquista territorial em que os Estados Unidos se lançavam.

Quando criança, a sua família mudara-se para o interior do Estado de Nova York, perto do lago Otsego - região hoje chamada de *Cooperstown*, em homenagem ao seu filho mais ilustre. É nessa região que se passa parte dos romances de Cooper. O pai do autor, William Cooper, era dono de terras, juiz de um pequeno vilarejo e líder comunitário. A família pertencia ao grupo religioso dos Quaker, sendo o pai atuante na política do Estado de Nova e York e do país. Participou do 4º e 6º Congressos que discutiam o Estado Nacional norte-americano recém-formado. Era, assim, considerado um federalista ativo²

James Fenimore Cooper entrou na Universidade de Yale em 1803, mas foi expulso em 1805 por “má conduta”. Consta que estava treinando um asno para sentar na cadeira do professor. Em 1808, por insistência do pai, entrou para a marinha dos Estados Unidos e, mais tarde, chegou a arriscar romances de ficção naval.

Já adulto, Cooper viu as imensas terras do pai invadidas por colonos “brancos audaciosos”, fato que inspirou alguns romances do autor e marcou a sua posição política em relação às mudanças que o país vinha sofrendo. Na verdade, as terras do pai foram divididas entre Cooper e mais cinco irmãos. Estes morreram entre 1813 e 1819 e ele assumiu as dívidas deixadas pela família. Assim, as terras e a casa no Estado de Nova York que pertenciam à família foram vendidas para pagar as dívidas.

Cooper viu na literatura uma chance de ganhar dinheiro e se tornou famoso tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. Entre 1826 e 1833, já conhecido como escritor, viajou pela Europa, onde teve contato com escritores e romancistas europeus e foi, inclusive, cônsul do seu país na cidade de Lyon, na França.

O cinema de Hollywood, mas também parte da historiografia norte-americana, mostram a conquista do Oeste daquele país como um processo no qual o pequeno proprietário era o principal favorecido. A tendência geral é localizar os grandes proprietários de terras exclusivamente no Sul do país, em função do sistema de *plantation* e da mão-de-obra escrava que sobressaía na região. Embora no Estado de Nova York a mão-de-obra escrava não tenha se tornado o eixo central da

² Logo após a independência, a elite do novo país optou por formar uma Confederação, o que desagradou grupos que pretendiam que os novos Estados Unidos da América optassem por um estado central forte, sem grande autonomia dos Estados. Após uma ampla discussão, os Federalistas – com parte do poder econômico ao seu lado – conseguiram impor o seu projeto, pois o país tornava-se uma Federação em 1789, regulada por uma Constituição e com a eleição de George Washington como primeiro presidente.

economia, como no Sul do país, é preciso afirmar que no Norte inúmeras famílias eram donas de escravos e outras tantas possuíam grandes propriedades de terra. O caso de Cooper é revelador. Pode-se afirmar que o nosso autor, na infância e início da mocidade, usufruiu a vida de *gentleman*. Era um cavalheiro rural, pertencente ao segmento dos grandes proprietários de terras que dirigiam o país.

No interior do Estado de Nova York, perto das montanhas *Catskills*, Cooper teve contato com índios diversos e com os desbravadores da fronteira. Essas experiências foram fundamentais para a construção da série de romances *Leatherstocking Tales*. Não só o contato com os índios foi importante na vida de Cooper. Como veremos adiante, o processo de empobrecimento do autor, a perda das terras e as transformações do período foram essenciais na construção do romance **Os Pioneiros**. Cooper, ao invés de evitar a relação entre sua própria vida e a ficção, fazia questão de vincular o seu primeiro romance à sua história pessoal.

Esse trabalho pretende ser um conto descritivo... e pode-se interrogar o quanto se tem aqui de ficção ou fatos literais... Existe uma tentação constante em delinear o que era conhecido, mais do que pode ser imaginado. Essa rígida adesão à verdade e indispensável requisito da História e viagens, destrói o charme da ficção... (Cooper, 1964: 5)³

O autor deixa claro que o que escrevia era ficção, embora afirmasse para o leitor que sabia do que falava, pois a sua história pessoal lhe dava autoridade para isso.

O ROMANCE OS PIONEIROS

James Fenimore Cooper publicou o seu primeiro romance, *The Precaution*, em 1820, inspirado nos trabalhos da romancista inglesa Jane Austin. Em 1821, o autor publicou *The Spy*, tratando da Independência norte-americana, inspirado em Sir Walter Scott. Enquanto *The Precaution* não teve apelo junto ao público, o livro *The Spy* – publicado nos Estados Unidos e na Europa - trouxe fama a Cooper, que começava a ser considerado, a partir de então, “o primeiro autor norte-americano”. Os leitores do jovem país, até então, liam ficção européia (Wallace, 1986 e Daly, 1993).

³ Tradução minha.

Em 1823, Cooper publicou o romance *The pioneers* (**Os Pioneiros**), inaugurando a famosa série *Leatherstocking Tales*. Marcado pela atmosfera romântica do período - Cooper fez várias referências a autores ingleses do período, como Lord Byron e Wordsworth – **Os Pioneiros** descreve e “engrandece” a natureza do Estado de Nova York. É possível perceber também claramente as divisões entre os personagens valorosos e honrados e os arrivistas sem princípios – características que fizeram parte da narrativa romântica. A série *Leatherstocking Tales* informa o leitor sobre o deslocamento contínuo da fronteira: se em **Os Pioneiros** a fronteira da civilização chegava ao interior do Estado de Nova York; em *The Prairie*, por exemplo, o local de ação do romance está além do rio Mississippi, demonstrando o deslocamento acelerado de colonos do Leste para o Oeste e a velocidade da conquista territorial norte-americana (Slotkin, 1996: 466-516).

REPÚBLICA X MONARQUIA.

A história tem início no período colonial, a partir de uma tensão entre dois personagens. O juiz Temple, personagem central do romance, quando menino, morava na Pensilvânia e estudava em um colégio interno. Lá ele conhecera Edward Effingham, filho de um rico oficial inglês e homem que gozava de reputação e prestígio. Como Temple tinha muitos irmãos, sua herança era pequena, já Edward, como filho único, herdara tudo do pai.

Na descrição de Cooper, o menino Temple tinha espírito empreendedor e Edward era indolente. Essa caracterização dos dois personagens é reveladora do acirrado debate do período entre os princípios da República, um regime virtuoso, voltado para a realização individual, e os da Monarquia, vista pela elite que construía o país como antiga, atrasada e ligada exclusivamente às questões de honra e ao ócio (Wood, 1998).

São evidentes aqui as comparações da ação do juiz Temple e a relação com a família de James Fenimore Cooper: a divisão das terras e a idealização moral de Temple. Além disso, é possível precisar as opiniões e a posição política de Cooper. O escritor colocava-se ao lado dos patriotas que fizeram a Independência do país, a elite colonial que, após a emancipação, parte para construir uma “república em moldes modernos” e que procurava atuar no capitalismo mundial, sem a interferência da monarquia inglesa. Por outro lado, critica a Monarquia, que se envergonhava de lidar com o comércio e optava pelo ócio. Além disso, a

nobreza estava interessada apenas em aumentar seus privilégios e manter sua autoridade.

Os dois resolvem se tornar sócios. Edward entrega dinheiro a Temple com o objetivo de fundar uma casa comercial na capital do Estado da Pensilvânia, Filadélfia. Acertaram que os lucros deveriam ser divididos entre os dois; no entanto, combinaram que a sociedade deveria permanecer em segredo, pois não ficaria bem para um oficial da coroa estar metido com o comércio.

Durante as guerras de Independência, cada um dos sócios toma um partido. Edward, realista, luta ao lado da coroa britânica e Temple junta-se aos patriotas, defendendo o “legítimo direito do povo”. Com a vitória dos colonos, as propriedades da coroa são confiscadas e Edward, como outros realistas, foge para o Canadá. Fica clara aqui a posição do autor: ele é adepto do republicanismo do novo país e crítico das monarquias européias. Embora republicano convicto, Cooper foi um grande crítico dos “excessos” da Revolução Francesa e do “jacobinismo exacerbado”. De seu ponto de vista, a elite que havia feito a Independência e inaugurado o advento da República moderna no país havia conduzido com precisão o processo de construção do Estado Nacional, evitando “desordens e excessos”.

Cooper instala então o nó dramático em torno do qual se desenrola o romance. Os bens que eram dos dois (Temple e Edward) passam totalmente para as mãos de Temple. Este se torna juiz, mas acaba por deixar a Pensilvânia e se instala nas propriedades no interior do Estado de Nova York, terras que igualmente pertenciam aos dois sócios. Ao fim do romance, Cooper resolve o problema fazendo com que o filho de Edward Effingham se case com Miss Temple, a filha do juiz.

Pode-se afirmar que a ação do romance se dá em torno do debate sobre a propriedade privada, tema candente na primeira metade do século XIX nos Estados Unidos, uma vez que se discutia juridicamente a propriedade das terras que estavam sendo conquistadas e anexadas ao país.

A DISCUSSÃO SOBRE AS ‘NOVAS’ TERRAS

A partir desse foco de tensão (disputa entre Temple e Effingham), Cooper propõe um outro ponto de discussão: o juiz Temple tem direito legal sobre aquelas terras, mas e os índios e caçadores que já estavam instalados no local?

Ali, na grande propriedade que pertencia aos dois sócios, o juiz Temple funda um pequeno povoado, com cerca de 50 casas - com o significativo nome de Templetown - comunidade que concentrava vários imigrantes. Havia um francês que fugira da Revolução de 1789 e se abrigara nas calmas terras do interior dos Estados Unidos, alemães, irlandeses e escoceses. Interessante é que havia critérios para ser aceito em Templetown. Podia ser alguém indicado pela administração ao juiz Temple, homem que tinha o controle do local e, em virtude da sua autoridade, era respeitado por todos. Havia moradores que eram arrendatários e solicitaram ao juiz autorização para morar no povoado, exercendo a pequena agricultura em parte das terras, dedicando-se à criação de animais ou ainda estabelecendo um pequeno comércio. Os sobrados, casas privilegiadas, eram os lugares onde moravam o juiz, o médico e o arquiteto da pequena comunidade.

Além dos imigrantes, havia vários escravos no povoado - normalmente exercendo serviços domésticos ou trabalhando na pequena agricultura. Todavia o foco de atenção de Cooper centrava-se no contato dos homens do povoado com os índios da região. Havia grupos guerreiros que passavam pelas terras do juiz Temple. São evidentes as críticas de Cooper aos iroqueses, grupo de índios que, durante o período colonial, havia lutado ao lado dos franceses e contra os colonos na guerra franco-índia de 1757, conflito entre Inglaterra e França pela posse das terras do Novo Mundo.

Não obstante, um personagem se destaca em meio aos outros: o *leatherstocking* Natty Bumppo, apelido do já envelhecido Nataniel Bumppo. Homem branco, havia sido criado por índios e, portanto, a partir da perspectiva romântica, representa o que de mais nobre havia no homem branco e no guerreiro indígena. Enquanto os cristãos haviam dado o nome de Nathaniel ao *leatherstocking*, os índios o chamavam de Hawk-eye (olho de falcão), numa referência à sua precisão no manejo das armas de fogo. O grande amigo do *leatherstocking* era o índio John (nome cristão) ou Chingachgook (nome indígena), um Delaware aculturado que permanecia nas terras do juiz. A amizade dos dois mostrava as afinidades de Natty Bumppo com o universo indígena.

O *leatherstocking* era o homem que tinha aprendido a viver em harmonia com a natureza e estava desvinculado das modernizações e da cobiça da época. Embora fosse inculto, representava a perfeição moral e a sabedoria superior natural. Esse é um dos tipos centrais da mitologia do Oeste que continua a exercer influência na cultura norte-americana: o homem solitário e armado, sem grandes recursos, mas com sentimentos

nobres e princípios morais, que vive em meio à natureza, sem os confortos da civilização⁴

Bumppo não morava no povoado e sim longe dele, mas a sua cabana estava cravada na propriedade do juiz, embora estivesse ali antes de Temple tornar-se proprietário do lugar. Vivia da caça para comer e para se vestir. De vez em quando vendia peles de animais para conseguir dinheiro. Voltava-se exclusivamente para a sua subsistência e não pretendia de maneira nenhuma ganhar dinheiro como caçador. Este seria então o segundo ponto de conflito do romance **Os Pioneiros**: a discussão sobre a propriedade privada e as diferentes visões de mundo de Temple e Natty Bumppo.

Em um dado momento do romance, há uma discussão entre o juiz e Natty Bumppo sobre a quem pertencia a caça que Natty acabara de abater. O *leatherstocking* reivindicava para si o direito de estar ali, pois era já velho, tinha passado 40 anos de sua vida no lugar e, portanto, era direito seu permanecer na região. Afirmava, assim, que o que caçasse era legitimamente seu. Já Temple dizia que o caçador podia continuar nas suas terras desde que respeitasse as regras de caçar somente em determinadas épocas, coisa que Bumppo não admitia, pelo simples fato de estar ali antes da chegada do juiz. A zona de fronteira – encontro da civilização com as terras selvagens do Oeste – era vista como uma região sem leis, onde os homens resolviam os conflitos conforme a necessidade. Apenas quando a civilização se instalava no lugar, antes selvagem, é que se impunham as regras, as leis e a autoridade.

Bumppo se ressentia com o fato de que, com a chegada do juiz, passara a ser cerceado na sua liberdade. O *leatherstocking* não se conformava com a quantidade de leis para regular determinado lugar e afirmava que a negatividade de tais normas estava na necessidade de haver um homem para interpretá-las. Para Cooper, embora as leis restringissem determinadas liberdades, elas eram absolutamente necessárias a fim de regular alguns segmentos da sociedade.

Assim, enquanto Temple afirmava que a sua propriedade, adquirida através do dinheiro e das vias legais da administração do Estado

⁴ Daniel Boone, na perspectiva da mitologia do Oeste, é considerado um dos primeiros *leatherstocking* a desbravar novas terras e foi, inclusive, contemplado com séries de televisão e filmes de Hollywood. Boone viveu no Estado da Virgínia e ainda antes da Independência, desobedecendo às ordens da Coroa inglesa, que havia determinado que as suas terras iam até os Apalaches, atravessa as montanhas e se instala no que viria ser o estado do Kentucky. Daniel Boone era caçador de peles e ajudou a mapear a região. Era, portanto, um “homem de carne e osso” que se tornou lenda.

de Nova York, lhe pertencia, Bumppo reivindicava a sua antiguidade no lugar. Desde décadas atrás aquela região era considerada território indígena, portanto terra de ninguém (*no man's land*). Agora, quem tinha direito sobre elas? Natty Bumppo, antigo habitante, um dos primeiros desbravadores do local? O juiz Temple, que se apossara das terras através das leis do novo país? E aos brancos pobres que vinham reivindicando terras baratas, quais direitos lhes eram reservados?

O caçador reclamava que, com a chegada do juiz e a construção do povoado de Templetown, a caça estava diminuindo e árvores eram destruídas desnecessariamente. O juiz se defendia afirmando que tal destruição não era obra dele, mas sim dos colonos mais pobres e pequenos agricultores, que usufruíam a terra mas não lhe conferiam importância e não se fixavam nela, já que andavam atrás de dinheiro fácil. Mudavam de um lugar para outro atrás de novas riquezas, destruindo a natureza, matando animais indiscriminadamente, sem vínculos com aquela terra ou qualquer outro lugar.

Aqui, chegamos ao ponto central da crítica de Fenimore Cooper, não só em **Os Pioneiros**, mas em vários de seus romances. Para o autor, o homem branco pobre – pequeno agricultor, arrendatário – era um arrivista, ávido de lucro fácil, sem a educação, sensibilidade e princípios morais que caracterizavam os *gentleman*.

Aos poucos fica clara a posição política de Cooper. Para ele, Natty Bumppo tem um certo direito natural de morar naquelas terras. Ele é o homem que vive da natureza e tem uma força moral extraordinária. Já o juiz Temple é um representante da elite natural, absolutamente necessária para a construção do novo país. Benevolente, compreensivo e paternal, o juiz é o homem que poderia conter a cobiça e as fraquezas dos pequenos fazendeiros, que pressionavam cada vez mais por terra. Cooper acredita assim que deveriam existir leis severas a fim de regular as relações entre os homens, principalmente entre os segmentos mais pobres.

Em **Os Pioneiros**, os novos colonos não mantinham relação com a terra como o *leatherstocking*, homem que só caçava pensando na subsistência; nem com o juiz, que também tinha uma profunda relação com a terra. Ao contrário, os novos colonos eram rudes e violentos, à procura apenas de lucro e satisfações imediatas, sem se preocupar com o “refinamento do espírito”. Apenas o Juiz Temple e o caçador tinham as suas raízes fincadas naquela terra. O vínculo com a terra explicaria então a admiração do autor tanto por Temple quanto por Natty Bumppo.

Embora fique clara a distinção entre as visões de mundo de Temple e Natty (eles travam várias discussões no decorrer do romance), é necessário esclarecer que o juiz tem papel fundamental no universo romântico de Cooper. Nas entrelinhas é possível perceber que o juiz Temple é o único capaz de garantir a vida do caçador, uma vez que os conflitos entre os colonos e Bumppo eram recorrentes, pois os primeiros reivindicavam a expulsão do velho Natty das terras do juiz.

COOPER E A “ARISTOCRACIA NATURAL” NORTE-AMERICANA

São evidentes as preocupações de Cooper com as aceleradas transformações que aconteceram na primeira metade do século XIX. Em vários momentos do romance, as personagens tratam das mudanças do lugar, mas especialmente Natty Bumppo se ressentia de tais transformações:

... os tempos estão mudando nessas montanhas, daquilo que elas eram há trinta ou mesmo dez anos. Mas parece que a lei é mais forte do que um velho homem, quer seja homem culto, quer seja um homem como eu... não imaginei que a pregação chegasse por aqui, mas ela tornou a caça escassa e fez subir o preço da pólvora (Cooper, 1964: 129)⁵

Durante o processo de Independência e início da formação do Estado Nacional, os setores menos favorecidos da sociedade sonharam com uma vida melhor e com a possibilidade de obter, a partir de então, a pequena propriedade. A elite que capitaneou o processo - especialmente os homens do Sul do país, grandes proprietários e donos de escravos, tais como George Washington e Thomas Jefferson – procurava conter as aspirações dos segmentos menos favorecidos da sociedade. Cooper se colocava assim ao lado da elite que construía o país e temia uma vertente que criticava a “aristocracia natural” dos primeiros fundadores da nação (Slotkin, 1994: 77 e 78) e propunha a divisão das grandes propriedades e mais oportunidades para todos.

Essa vertente se consolidou na década de 1830, em torno do nome de Andrew Jackson, homem do Tennessee, vinculado às pretensões das classes menos favorecidas, o qual se tornou, em 1829, presidente do país. Jackson tomava o partido das pretensões do pequeno fazendeiro e, exatamente por isso, foi um dos presidentes que mais desestruturou a

⁵ Tradução minha

vida comunal indígena, transferindo massas de nativos para reservas no Meio-Oeste norte-americano (Rogin, 1995).

É inegável a admiração de Cooper pelo *leatherstocking* – homem de princípios, que não precisava dos elementos modernos da civilização para sobreviver, idealização essa centrada em moldes românticos. No entanto, Cooper coloca o juiz Temple como figura-chave do conflito. Apenas ele, honrado que era, com seu senso de justiça e dever permitiria que Natty Bumppo permanecesse na região. Caso contrário, os ávidos colonos de Templetown já teriam expulsado o velho caçador do lugar.

Cooper era, assim, um conservador que temia as mudanças do período. Acreditava que o mundo dos cavalheiros desapareceria a partir da pressão dos segmentos menos favorecidos da sociedade. Não duvidava que a elite - os *gentleman* – era a única força que poderia conter as pretensões dos homens que lutavam por terra e ao mesmo tempo poderia garantir a vida de desbravadores e índios que viviam por ali em contato com o homem branco.

É inegável a existência de pontos comuns entre o pensamento de James Fenimore Cooper e Alexis de Tocqueville, autor de *A Democracia na América*, que defenderia posições semelhantes na famosa viagem que fez pelos Estados Unidos na década de 1830 (Tocqueville, 1987). Também para Tocqueville a aristocracia deveria funcionar como uma espécie de “amortecedor”, a fim de conter as pressões dos segmentos menos favorecidos, evitando a “onipotência da maioria e o perigo da igualdade” (Tocqueville, 1987: 149).

Assim podemos concluir que, enquanto o mito do Oeste nos pareça hoje uma construção cultural, na qual se valoriza o pequeno fazendeiro (*o self made man*), suas bases, linguagem simbólica e estrutura narrativa foram estabelecidas por James Fenimore Cooper, autor que defendia exatamente o contrário do que se tornou usual acreditar. As bases do mito foram estruturadas defendendo inicialmente a grande propriedade privada norte-americana. Em 1838, o autor firmava a sua posição no texto *The American Democrat*, desgostoso com os feitos do presidente Andrew Jackson, que considerava um demagogo, e com os rumos da sociedade norte-americana.

Como a propriedade é a base de toda civilização, sua existência e segurança são indispensáveis para a melhoria social... Onde existe uma rígida igualdade de direitos, as condições baixam para uma escala de mediocridade, uma vez que é impossível elevar aqueles que não possuem os requisitos adequados de qualidade (Cooper, 1959: 169)⁶

REFERÊNCIAS

- BARKER, Martin e SABIN, Roger. *The Lasting of The Mobicans. History of an American Myth*. Jackson, University Press of Mississippi, 1995.
- COOPER, James Fenimore. *The Pioneers, or The Souces of the Susquehana. A Descriptive Tale*. Nova York, Penguin Books, 1964.
- _____, *The American Democrat*. Nova York, Alfred A Knopf, 1959.
- DALY, Robert. "Cooper's Allegories of Reading and 'the Wreck of the Past'", in MACHOR, James (org). *Readers in History. Nineteenth-Century American Literature and The Contexts of Response*. Baltimore, John Hopkins University Press, 1993.
- JUNQUEIRA, Mary A. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções. Wilderness, Oeste e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista, USF, 2000.
- ROGIN, Michael Paul. *Fathers & Children. Andrew Jackson and the Subjugation of the American Indian*, New Brunswick, Transaction Publishers, 1995.
- SLOTKIN, Richard. *Regeneration Through Violence. The Mythology of the American Frontier, 1600-1860*. Nova York, Harper Perennial, 1996.
- _____, *Fatal Environment. The Myth of the Frontier in the Age of Industrialization 1800-1890*. Nova York, Harper Perennial, 1994.
- SMITH, Henry Nash. *Virgin Land. The American West as Symbol and Myth*. Cambridge (Mass), Harvard University Press, 1978.
- TOCQUEVILLE, Alexis. *A Democracia na América*, São Paulo, Edusp/Itatiaia, 1987.
- WALLACE, James D. *Early Cooper and His Audience*. Nova York: Columbia University Press, 1986.
- WHITE, Richard. *It's Your Misfortune and None of my Own. A New History of the American West*. Norman, University of Oklahoma Press, 1991.

⁶ Tradução minha.

WOOD, Gordon S. *The Creation of the American Republic 1776-1787*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1998.